

A significação no domínio do discurso e na relação indivíduo-sociedade*

Signification in the domain of discourse and in the individual-society relationship

Carmem Luci da Costa Silva**

Resumo

Este trabalho parte do pressuposto de que a capacidade simbólica, base da significação, é condição de integração humana à linguagem. A instauração de um lugar de significação *na* linguagem é explicada neste texto por meio da teorização de Émile Benveniste sobre a atualização da língua em discurso. Por nascer na cultura (BENVENISTE, 1995; 1989), o locutor, a cada ato de enunciação, realiza um acontecimento diferente e novo para fazer a passagem a sujeito e, nessa passagem, registra, no discurso, o modo como se instaura nos valores culturais impressos na língua da sociedade onde vive. Nesse sentido, o locutor se inclui no discurso, implanta o outro diante de si e se situa na sociedade. A partir disso, o estudo procura responder à seguinte questão: *como propor um estudo de texto a partir dessa abordagem de linguagem?* Para fundamentar a reflexão, analiticamente, é apresentado o estudo de um texto escrito, com a exploração do modo como o locutor sintagmatiza formas no discurso para produzir sentidos para o alocutário.

Palavras-chave

Discurso. Enunciação. Significação. Cultura.

Abstract

This paper is based on the premise that the symbolic capacity, the basis of signification, is a condition of the human integration into language. The establishment of a place of signification in language is explained in this text by Émile Benveniste's theorization on the actualization of language [langue] in discourse. Being born in culture (BENVENISTE, 1995; 1989), speakers, with each act of enunciation, perform a different, new event to go through the process of becoming a subject and with this process they register, in the discourse, the way in which they establish themselves in the cultural values printed in the language of the society they inhabit. Thus, speakers are included in the discourse, establishing the other before themselves and becoming situated in society. Based on this, this study seeks to answer the following question: *how to propose a text study based on this approach to language?* To support the reflection, analytically, the study of a written text is presented, exploring the way the speaker places forms in syntagms in their discourse to produce meanings for the listener.

* Artigo de autora convidada.

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Keywords

Discourse. Enunciation. Signification. Culture.

Introdução

A ideia de que a capacidade simbólica é base da significação e condição de integração humana à linguagem sustenta este estudo. É nesse sentido que buscamos a explicação da instauração de um lugar de significação humana na linguagem por meio da teorização de Émile Benveniste sobre a atualização da língua em discurso. Por nascer na cultura (BENVENISTE, 1995; 1989)¹, o homem, na condição de locutor, a cada ato de enunciação, realiza um acontecimento diferente e novo para fazer a passagem a sujeito e, nessa passagem, registra, no discurso, o modo como se instaura nos valores culturais impressos na língua da sociedade onde vive. Deslocando essa reflexão para este estudo, é possível conceber que esses valores culturais comparecem nos sentidos evocados pelo modo como o locutor sintagmatiza as formas no discurso. O locutor, assim, inclui-se no discurso, convoca a adesão do outro e se situa na sociedade. A partir dessas concepções, buscamos responder a seguinte questão: *como propor um estudo de texto a partir dessa abordagem de linguagem?*

Essa questão é respondida, teoricamente, por meio da exploração da dimensão da significação – nos domínios do signo e do discurso – e da discussão sobre a relação indivíduo e sociedade instanciada na comunicação intersubjetiva. Como a significação tem desdobramentos em várias dimensões na obra de Benveniste, a abordagem da língua em emprego proposta neste trabalho adota uma perspectiva de leitura da obra do linguista (FLORES, 2013) com a seleção de textos que envolvem a relação entre os domínios do signo e do discurso, os aspectos intersubjetivos e a discussão sobre a relação indivíduo-sociedade implicados na passagem de um domínio a outro.

¹ A obra *Problemas de Linguística Geral (PLG)*, em seus dois volumes (I e II), reúne artigos publicados originalmente por Benveniste em distintos suportes e em distintos anos. A fim de respeitar a diacronia do pensamento do autor, quando são citados seus textos, ao lado do título do artigo em questão costuma-se referir o ano original de sua publicação, acrescido do ano da edição consultada do *PLG*, tal como explica Flores (2013). Porém, atendendo a exigências editoriais, será utilizado neste trabalho apenas o registro do ano das edições consultadas dos *PLG I* e *PLG II*, obras traduzidas e publicadas no Brasil, respectivamente, em 1995 e 1989. Tais obras reúnem artigos que serviram de base a este estudo. As datas de publicação original das referidas obras na França são, respectivamente, 1966 e 1974.

Para fundamentar a reflexão, analiticamente, é apresentado o estudo de um texto escrito, no qual exploramos o modo como o locutor sintagmatiza formas no discurso para produzir sentidos e implantar o alocutário diante de si. Por isso, partimos das noções de *linguagem*, *língua*, *enunciação* e *discurso* para situarmos o lugar da significação e da intersubjetividade nessa rede conceitual. É no imbricamento da significação nos universos da língua-sistema e da língua-discurso que comparecem os valores culturais de uma dada sociedade.

Assim, o trabalho está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, tratamos da significação como atrelada à propriedade simbólica da linguagem e à possibilidade de o locutor produzir sentidos na língua atualizada em discurso; na segunda seção, exploramos a integração entre sintagmatização e semantização como condição de o locutor produzir sentidos e buscar a adesão do seu alocutário por meio da análise do texto "Fraseador", de Manoel de Barros; por fim, concluímos o texto com uma reflexão sobre a contribuição de trabalhos teórico-analíticos para a prática de ensino de textos.

A significação como constitutiva da linguagem: condição da presença humana na língua-discurso

A linguagem é, para Benveniste, o elo entre os homens, visto não haver relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. Há um aparato simbólico para intermediar essa relação: a linguagem. Por conter a propriedade simbólica, a linguagem possibilita a cada língua em particular – inseparável de uma sociedade com a sua cultura – ser o elo intermediário de significação entre homem-mundo e homem-homem.

Essa capacidade simbólica está na base da significação enquanto condição da integração humana à linguagem, pois, conforme o linguista, "Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a." (BENVENISTE, 1989, p. 285). Como consequência dessa formulação, a relação entre linguagem e homem é de interdependência (ou constitutiva), por não se conceber o homem fora da linguagem nem a linguagem independentemente do homem. Ou seja: a linguagem é definida no homem e o homem na linguagem. Encontra-se, aqui, a dimensão antropológica da perspectiva de linguagem benvenistiana (DESSONS, 2006; FLORES, 2013).

Para que as relações humanas se concretizem e sejam significadas por esse aparato simbólico intermediário, a linguagem precisa realizar-se em uma língua particular, que se atualiza em discurso, conforme defende Benveniste:

Antes de qualquer coisa a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são estas funções? Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar a linguagem serve para *viver*. Se nós colocarmos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar. (BENVENISTE, 1989, p. 222, grifado do autor).

É por meio da língua em emprego que cada indivíduo manifesta o simbolismo cultural em que se encontra imerso, o que faz Benveniste (1989, p. 24) defender que a língua se constitui como “um mecanismo de significação”, já que é por meio dela que se enlaça o sistema cultural com o seu próprio sistema. Para o autor, “há como uma semântica que atravessa todos esses elementos de cultura e que os organiza.” (BENVENISTE, 1989, p. 25). Por isso, ele afirma: “tudo que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistema de valores. Da articulação entre valores. [...] Esses valores são os que se imprimem na língua” (BENVENISTE, 1989, p. 22). Esse semantismo da língua no discurso, considerado em relação à sociedade, é concebido como *semantismo social* (BENVENISTE, 1989, p. 100).

A questão do semantismo na língua-discurso em Benveniste está atrelada ao tema da significação, que tem desdobramentos em várias dimensões na obra do linguista (BENVENISTE, 1995, 1989) e constitui diferentes relações de interdependência entre forma e sentido: 1) na *distintividade* (a que essa forma se opõe na relação com outra?); 2) no *reconhecimento* (essa forma tem sentido no uso?) e 3) na *compreensão* da ideia global da frase/do discurso² e do emprego da palavra na frase/no discurso (qual o sentido das formas sintagmatizadas nessa frase/nesse discurso?). As propriedades de *distintividade* e de *reconhecimento* estão vinculadas à relação forma-sentido do domínio semiótico (do signo). Já a *compreensão* é a propriedade que envolve a relação forma-sentido no domínio semântico (do discurso).

É nesse jogo entre *distintividade*, *reconhecimento* e *compreensão* que o locutor está imerso sempre para significar e comunicar *com* e *para* o outro no engendramento

² Para Benveniste (1989/1995), *frase* e *discurso* dizem respeito à atualização da língua via enunciação.

constante dos domínios semiótico e semântico a cada vez que coloca a língua em ação. Nesse domínio semântico, a língua, como expressão simbólica da linguagem de significar, torna-se o elo intermediário entre os indivíduos e a sociedade: “Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 229).

Essa visão de linguagem, em que as realizações humanas – individuais e coletivas – somente podem ter existência porque estão ligadas ao exercício do discurso, vincula-se à ideia de que a relação que cada locutor instaura com o outro, com o mundo e com outros sistemas simbólicos da sociedade torna-se possível por meio da língua como interpretante de outros sistemas, da sociedade e, inclusive, dela própria. A língua é o sistema interpretante por excelência, para Benveniste (1989), justamente por contemplar o universo dos signos relacionados pela diferença e partilhados pela comunidade e por possibilitar o universo do discurso, via enunciações. É a significação que engendra os dois universos e possibilita as práticas humanas de linguagem.

De fato, é pela propriedade de significar da linguagem – constitutiva do homem como ser simbólico – que cada um pode se instaurar como falante, escrevente, leitor e ouvinte em uma língua particular, inseparável de uma sociedade particular com a sua cultura. Essa instauração somente é possível porque estamos em um mundo de língua-discurso, pois, antes “da enunciação a língua não é senão possibilidade da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Portanto, é a enunciação que dá existência para a língua ao torná-la discurso, processo no qual o *locutor* faz a passagem para *sujeito*, implanta o outro diante de si e se situa na sociedade. Em outras palavras, via enunciação, o locutor atualiza, no discurso, a comunicação intersubjetiva e a relação com a sociedade. Com efeito, para Benveniste (1989, p.101), “cada um fala a partir de si. Para cada falante o falar emana dele e retorna a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros”. Por isso, o linguista ressalta, em “Da subjetividade na linguagem”, a relação *eu-outro* e *indivíduo-sociedade*: “Caem-se as velhas antinomias do ‘eu’ e do ‘outro’, do indivíduo e da sociedade. [...] É numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina numa relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (BENVENISTE, 1995, p. 287).

Assim, o *homem* – em uma dimensão antropológica – e a *linguagem* – em uma dimensão simbólica – estão em relação, respectivamente, com o *locutor* e com o *ato*

de apropriação da língua em uma dimensão linguístico-enunciativa³. Nessas dimensões, estão sempre em jogo a relação entre indivíduos na sociedade, a relação entre interlocutores no diálogo e a relação entre *eu-tu* por meio das marcas de pessoas no discurso.

É na dimensão do discurso que podemos conceber o texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem. Nessa perspectiva, o estudo enunciativo de um texto privilegia a relação do locutor com o seu discurso – o fato de ter se enunciado de determinada maneira – e os efeitos de sentidos constituídos na interlocução, a partir da verificação do modo como as formas se diversificam e se engendram no fio discursivo.

Assim, um estudo do texto pelo ponto de vista enunciativo considera *o fato* de o locutor mobilizar a língua de dado modo, e não o produto resultante do ato, enquanto conteúdo. Isso faz com que Benveniste (1989) privilegie o processo enunciativo, e não o produto, como vemos em suas palavras: “é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto”. (BENVENISTE, 1989, p. 82).

O ato, para o linguista, relaciona-se ao fato de o locutor mobilizar a língua de determinada maneira e constituir os caracteres linguísticos que marcam a sua relação com a enunciação. O locutor realiza esse ato porque tem a necessidade de referir para possibilitar ao outro correferir. Por isso, mobiliza formas da língua e engendra-as no discurso para, de um lado, enunciar a sua posição de locutor e, de outro, acentuar a sua "*relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo" (BENVENISTE, 1989, p. 87, *itálicos do autor*).

Além desse aspecto da enunciação, Benveniste aponta outro, que nos interessa também neste estudo: *a semantização da língua*. Aqui, o autor chama a atenção para a análise da significância, que envolve "os procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram." (BENVENISTE, 1989, p. 83). Trata-se de examinar os procedimentos de organização de formas pelo locutor para produzir sentidos singulares no discurso para o outro e se situar na sociedade,

³ O homem na língua-linguagem, axioma presente na reflexão de Benveniste, é o que permite defender uma dimensão antropológica na sua abordagem de linguagem. Essa dimensão transversal está presente tanto em um estudo que adota um ponto de vista linguístico-enunciativo, que envolve pensar a língua em emprego com as marcas intersubjetivas, a constituição de referência e a organização das formas na produção de sentido – caso deste artigo –, quanto em um estudo que adota um ponto de vista semiológico, que envolve estudar a relação da língua com outros sistemas da sociedade, com a própria sociedade e com ela mesma.

questão sobre a qual nos deteremos na seção seguinte, em que operacionalizamos nossa reflexão enunciativa por meio da análise de um texto.

Sintagmatização e semantização: modos de evocar sentidos para o outro

Estudar o texto, por meio da abordagem enunciativa, parece ser um desdobramento previsto por Benveniste no final de “O aparelho formal da enunciação”, quando destaca a enunciação falada e a enunciação escrita como formas complexas de discursos, que podem ser analisadas a partir do esboço de um quadro formal da enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Em uma análise enunciativa, a partir do esboço traçado em “O aparelho formal”, atentamos para os seguintes fenômenos: a) o *ato*, que comporta o modo como o locutor se declara sujeito e implanta o outro (o interlocutor) diante de si; b) a *situação de discurso*, que está relacionada ao modo como a língua se acha empregada para o locutor constituir a referência no discurso e possibilitar ao outro correferir; e c) os *mecanismos linguísticos* utilizados (formas, procedimentos e funções), que atestam a posição do locutor no discurso e o modo como faz a passagem para sujeito.

Assim, a expressão semântica por excelência está na produção do discurso, pois não se trata mais do significado do signo, mas do que Benveniste (1989, p. 229) nomeia como “intencionado”, da atualização linguística de um querer dizer. Trata-se, portanto, de efeitos de sentidos. Com a frase e o discurso,

vemos [...] na língua sua função mediadora entre o homem e o mundo, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando a vida dos homens. [...] Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo [...]. (BENVENISTE, 1989, p. 229).

Na citação acima, destacamos as seguintes palavras de Benveniste: “comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo”. Essas palavras parecem resumir a ideia de convocação ao outro. Tal convocação se constitui no sentido da frase/do discurso, enquanto ideia realizada pela “escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras” (BENVENISTE, 1989, p.230). Por isso, o linguista defende que o sentido de uma frase é a sua ideia, compreendida como o sentido global, enquanto o sentido de uma palavra é o seu emprego, compreendido como o valor particular que cada unidade contrai no encadeamento sintagmático.

Esses sentidos se produzem pela “sintagmatização das palavras, em que cada uma retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo”. (BENVENISTE, 1989, p. 234). Que outros valores as palavras contêm? Para responder a esse questionamento, recorreremos à ideia de Benveniste de “valores culturais impressos na língua”. Tal língua não seria somente sistema, mas uma língua-discurso, que carrega os valores de uma sociedade em uma relação semiológica de interpretância, de acordo com formulação defendida em "Estrutura da língua e estrutura da sociedade": a língua contém a sociedade.

Para realizarmos o estudo de um texto por essa perspectiva, tornam-se necessários deslocamentos. Até o momento, tratamos da passagem da língua ao discurso via ato de enunciação, considerado enquanto fenômeno geral. Os discursos oriundos de enunciações podem ser vocais, escritos e gestuais, enquanto fenômenos específicos⁴. Nesse sentido, o discurso – considerado produto de enunciação – é o que as propostas de deslocamento da perspectiva enunciativa benvenistiana para os estudos textuais concebem como texto. Neste trabalho, analisamos um texto escrito, discurso resultante de um ato de enunciação, enquanto fenômeno específico.

Para realizar a análise, seguiremos a reflexão de Silva (2018) acerca da realização de uma análise enunciativa:

Se a forma e o sentido são noções gêmeas integradas em todas as unidades da língua, a integração dessas unidades no discurso/texto é de responsabilidade de quem se apropria dessas unidades. Por isso a análise de textos pelo viés enunciativo benvenistiano consiste em buscar os “vestígios” nos modos como cada locutor integra forma e sentido para colocar a língua em emprego em discursos presentes nas distintas práticas sociais. E comentar a presença desses “vestígios” é trilhar um caminho de análise também da ordem da singularidade, visto dizer respeito à proposição de um estudo de texto, que se constitui como um ato de enunciação. (SILVA, 2018, p. 428-429).

Com efeito, enquanto estudiosos enunciativistas de textos, seguimos a reflexão de Normand acerca da análise enunciativa: “como todo comentário de texto, essa análise interpreta os enunciados, mas não pretende dizer tudo sobre seu sentido” (NORMAND, 2009, p. 182). Esse é o modo de análise que adotamos nos comentários que tecemos sobre o texto "Fraseador", de Manoel Barros⁵.

⁴ Para maior conhecimento sobre o entendimento teórico de texto pela perspectiva enunciativa benvenistiana, sugerimos a leitura de Knack (2012), que defende os textos orais e escritos como fenômenos específicos situados no interior da enunciação, concebida como fenômeno geral.

⁵ Disponível em: <https://332poemas.wordpress.com/2013/04/10/fraseador-de-manoel-de-barros-332-poemas-no-66/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

Nessa análise, consideramos o fato de o locutor mobilizar a língua de determinado modo para convertê-la em discurso. Nesse caso, é interessante observarmos o modo como se declara sujeito e implanta o outro (o interlocutor) diante de si. No texto "Fraseador", temos um locutor que se marca como pessoa subjetiva no discurso *eu* e se situa temporalmente em um *hoje*, tempo linguístico que traz um *tempo crônico* (85 anos). É nesse *hoje*, com 85 anos, que o locutor narra um evento de seu passado, situando esse passado com marcas linguísticas no pretérito em relação ao presente em que se enuncia: "escrevi", "decidira", "queria", "perguntou", "insistiu", "baixou", "continuou", "insistiu" etc.

Além do tempo, o *eu* que fala no texto se coloca em outro espaço que não o dos pais e do irmão mais velho (o espaço da fazenda). Pela sintagmatização das formas "Naquela ocasião escrevi uma carta aos meus pais, que moravam na fazenda, contando que eu já decidira o que eu queria ser no meu futuro", depreende-se que o *eu* estava em um espaço distante da fazenda, quando enviou a carta, possivelmente em um espaço urbano, preparando-se para ser doutor. É nessa relação intersubjetiva que o locutor se declara como *eu* e implanta o pai, a mãe e o irmão mais velho como *tu* – se considerarmos o quadro figurativo mais geral do discurso. Considerando esse quadro de inversibilidade *eu-tu*, vemos, no texto, a implantação de um segundo plano de enunciação, em que o irmão mais velho se inverte em *eu* e implanta o outro, o menino que quer ser fraseador, como *tu*.

Ao se enunciar, esse *eu* transmite a sua posição e suscita a resposta do outro: "eu já decidira o que eu queria ser no meu futuro. Que eu não queria ser doutor. Nem doutor de curar nem doutor de fazer casa nem doutor de medir terras. Que eu queria era ser fraseador". É a partir de negações do que não quer ser no futuro ("não queria ser doutor") que o locutor formula o que quer ser: fraseador. Vemos, nessa sintagmatização, a oposição entre profissões: "doutor de curar", "doutor de fazer casa", "doutor de medir terras" X "fraseador".

Como o discurso, em sua sintagmatização, produz o sentido de que *fraseador* envolve um fazer, uma profissão? Existe a profissão *fraseador*? Ora, é o discurso, na sintagmatização das formas e em relação com a língua e com a sociedade, que produz esse sentido. Essa produção ocorre: 1) pela ação das palavras agenciadas – como "doutor" envolve fazeres profissionais, supõe-se que, no universo desse texto, "fraseador" é uma profissão; 2) pelo valor que o sufixo *-or*, enquanto unidade

morfológica, apresenta na língua como designador de profissão: *cantor, plantador, professor, horticultor etc.*

É nesse imbricamento entre o signo, unidade do domínio semiótico, e a palavra, unidade do domínio semântico, que se produz esse sentido para *fraseador*. Embora concebido como uma atividade profissional, o *fraseador* envolve um fazer desconhecido, conforme atestam os personagens no texto (“Meu pai ficou meio vago depois de ler a carta. Minha mãe inclinou a cabeça.”/ “Então, meu irmão mais velho perguntou: ‘Esse tal de fraseador bota mantimento em casa?’”). Assim, o debate de posições no discurso se apresenta na inversibilidade enunciativa *eu-tu*, que ocorre entre o menino aspirante a fraseador e seu irmão mais velho.

Os sentidos presentes nessa inversibilidade enunciativa revelam a língua em relação de interpretância com a sociedade. E aí podemos ver no texto um embate de posições, com direções distintas. Tais posições distintas evocam valores da cultura de uma sociedade em relação de oposição: profissões reconhecidas socialmente (como a de “doutor”) *versus* profissões desconhecidas ou desprestigiadas socialmente (como a de “fraseador”). A valoração econômica de atividades de doutor e de quem trabalha na terra – “botar mantimentos” – aparece na posição defendida pelo irmão, enquanto ao *eu*, “poeta fraseador”, referência à pessoa subjetiva do texto, importa o desejo, o querer ser *fraseador*.

É interessante observar que, enquanto a posição do irmão mais velho sustenta-se “no botar mantimento em casa”, a do *eu-poeta* sustenta-se na relação entre a afirmação e a negação, que comparece por meio das formas “não” e “nem” combinadas com “doutor”. Ora, a negação, conforme Benveniste discute no texto “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, comporta uma admissão: o *eu-poeta* admite haver uma afirmação que supõe que ele se tornaria “doutor”, por isso, em um primeiro momento, comparece a negação desse lugar suposto a ele para, em um segundo momento, aparecer a afirmação do seu querer (ser fraseador). Para Benveniste, a caracterização da negação linguística “consiste em que ela pode anular apenas o que é enunciado, que deve apresentá-lo explicitamente para suprimi-lo, e que um julgamento de não-existência tem necessariamente também o *status* formal de um julgamento de existência” (BENVENISTE, 1995, p. 91). Negando a formulação que seria doutor (“Que eu não queria ser doutor”), o *eu* dá existência a outra formulação: “Que eu queria era ser fraseador”. A posição do locutor no discurso aponta para uma direção, que é a

assumida pelo pai: “O pai continuou meio vago. Mas não botou enxada”. Se a conjunção “mas” antes aparecia no texto para opor a existência de duas posições (a do menino fraseador e a do irmão mais velho), no final do texto, aparece para opor a posição do pai (“O pai continuou meio vago. Mas não botou enxada.”) à do irmão mais velho (“botar uma enxada na mão desse menino pra ele deixar de variar”).

Percebemos, assim, com Benveniste, que, no discurso, “aquele que fala de si mesmo instala o outro nele e dessa forma se capta a si mesmo, se confronta, se instaura tal como aspira a ser, e finalmente, se historiciza” (BENVENISTE, 1995, p. 84). É no discurso, atualizado em formas sintagmatizadas, que comparece o debate de posições, em que sujeito, outro/sociedade e língua se interseccionam na produção do sentido, visto a língua ser um sistema socializado (interpretante dos valores de uma sociedade), que viabiliza a ação da palavra no discurso para fins intersubjetivos. É nessa relação entre o individual e o social que se dá a constituição histórica do sujeito na linguagem.

Conclusão

Com este trabalho, procuramos explorar a ideia de que as formas da língua, quando atualizadas no discurso, agem umas sobre as outras para produzirem sentidos e constituírem a busca por adesão e resposta do outro.

Nosso ato de leitura do discurso de Manoel de Barros aqui selecionado como fato enunciativo de análise procurou identificar indícios dessa convocação ao outro presente nas formas sintagmatizadas.

O presente estudo ilustra, portanto, o pressuposto benvenistiano de que a dualidade da língua em emprego – ser imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade (BENVENISTE, 1989) – reencontra-se nas formas da língua – de diferentes níveis (morfológico, sintático etc.) – mobilizadas no discurso devido à propriedade da linguagem de significar, propriedade esta que se manifesta na língua e, por conseguinte, nos discursos resultantes de enunciações que a atualizam.

A partir da reflexão proposta neste trabalho, podemos nos aventurar a pensar o texto em sala de aula e tecer algumas pontuações: 1) nós, professores de língua(s), somos estudiosos da língua em uso e, em virtude disso, podemos assumir, antes de propormos atividades, o lugar de analistas de textos para, após, elaborarmos atividades de análises textuais para nossos alunos; 2) nós, professores de textos, somos responsáveis por instigarmos nossos alunos a observarem as “pistas”

linguísticas constituidoras de sentidos a cada emprego de língua e a verificarem que essa língua, enquanto sistema organizado de formas, está em funcionamento nos textos para produzir sentidos; 3) nós, professores, para instigarmos, em sala de aula, a observação de “pistas” linguísticas em textos, precisamos conhecer teorias textuais, enunciativas e discursivas para realizarmos uma espécie de transposição didática.

Este trabalho talvez esteja no meio do caminho: entre a teoria enunciativa benvenistiana e a prática de sala de aula. Que possamos estabelecer passagens da teoria para a análise e, quem sabe, assim, promovermos interlocuções produtivas com a prática de ensino de textos em língua portuguesa.

Referências

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri; revisão técnica do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução e revisão técnica Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press, 2006.

KNACK, Carolina. *Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre. 2012.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Émile Benveniste*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. NORMAND, Claudine; FLORES, Valdir do N.; BARBISAN, Leci B. (Orgs.). Tradução de Cristina de C. V. Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa Silva. O estudo do texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem. *D.E.L.T.A.*, 34.1, p. 419-433, 2018.